> texto: FRANCISCO CORREIA
> fotografia: BRUNO LANÇA

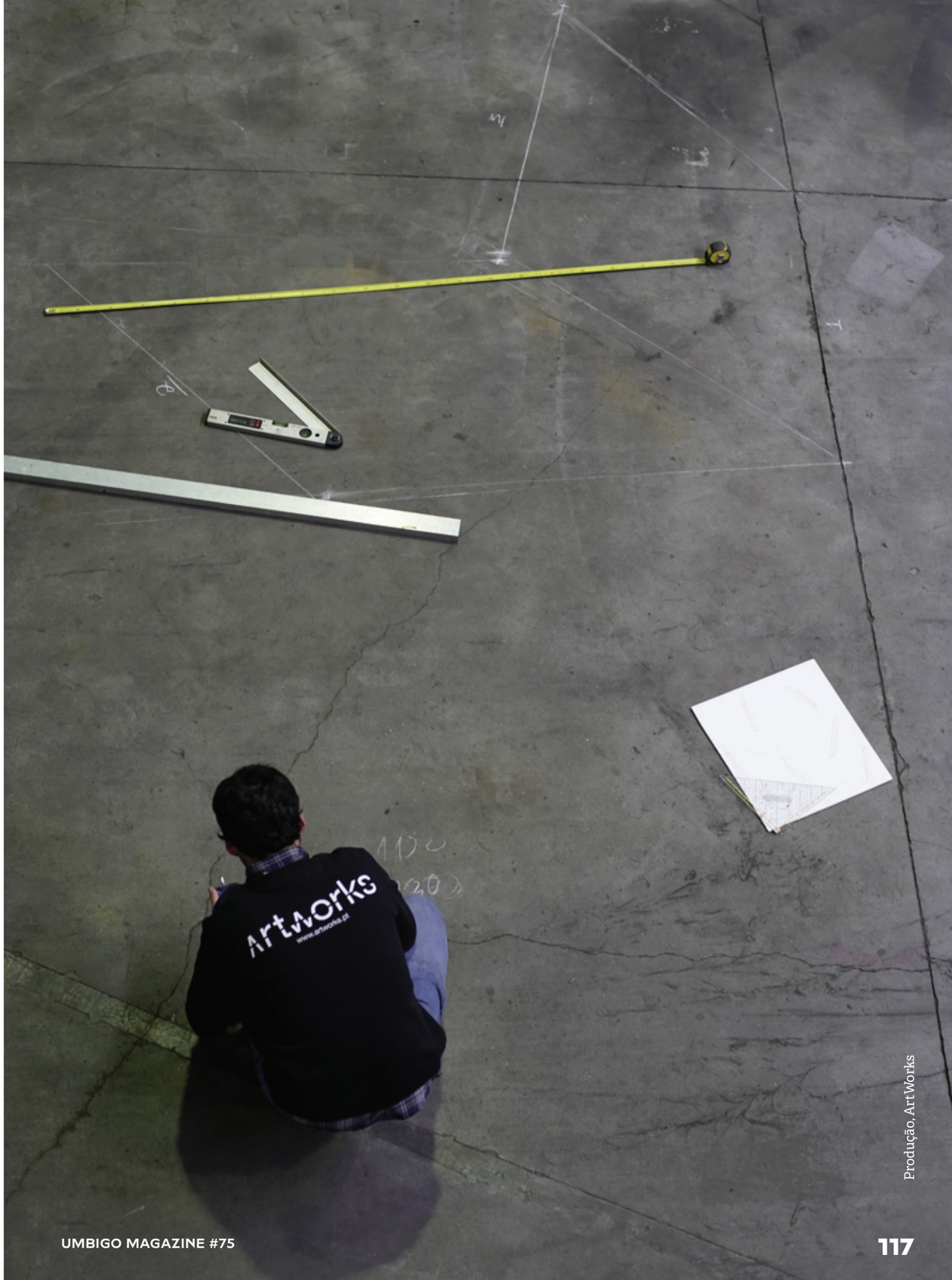
ARTWORKS

Este texto é o resultado de dois meses de conversas intermitentes com alguns dos elementos da equipa da ArtWorks. Para tal, inicialmente planeámos uma visita à fábrica de modo a conhecer os trabalhadores, as instalações e melhor compreender os diferentes ramos do Grupo Ecosteel. No entanto, 2020 foi pródigo em planos falhados e em encontros online. E nós não fugimos à regra. Acabei por visitar o complexo através da câmara do telemóvel do Bruno Lança (coordenador audiovisual), que me guiou pelos diferentes departamentos ao som do barulho das máquinas – a enérgica música industrial. Senti da parte do Bruno o mesmo entusiasmo que identifiquei mais tarde no José Miguel Pinto (diretor) e na Francisca Marques (coordenadora artística), que desde o primeiro momento procurou, mesmo à distância, estabelecer o conjunto de ligações aqui apresentado. Dúvidas restassem, essa irrequietude foi espelhada mais tarde nos testemunhos dos artistas Francisca Carvalho e José Pedro Croft acerca das suas experiências com a ArtWorks. "Generosidade" foi uma palavra repetida várias vezes (e raramente aplicada ao contexto empresarial). Na última das conversas, José Pedro Croft terminou enaltecendo a visão ambiciosa do administrador do grupo, José Maria Ferreira: "Quando as pessoas acreditam, arriscam. Quando não acreditam, inventam boas desculpas."

O mais difícil parece-me de facto arranjar boas desculpas que justifiquem a criação de um projeto desta natureza, num país com uma cena artística de pequena escala e com uma carteira de potenciais clientes diminuta. Ainda assim, assente na tal generosidade e ambição unanimemente reconhecidas, a ArtWorks conquistou o seu espaço: não é, nem quer ser, uma mera entidade prestadora de serviços; desenha os seus programas com base em problemáticas identificadas no dia-a-dia fabril; e apoia a criação artística emergente numa lógica de mecenato – palavra estranha quando escrita em português.

A ArtWorks é um organismo mutável inserido num ecossistema maior (o complexo industrial), que faz da pluralidade de conhecimentos técnicos dos seus trabalhadores a ferramenta mais preciosa ao dispor dos artistas. Pela fábrica tanto passam produções de grande escala, como os projetos desenvolvidos pelos artistas que a habitam provisoriamente, ao abrigo das residências "No Entulho", ativas desde 2017. Numa relação de aprendizagem mútua, a organização disponibiliza um laboratório de experimentação ao serviço da arte, mas também dos restantes departamentos da empresa, uma vez que beneficiam indiretamente das novas ideias e visões sobre os materiais que o pensamento artístico, sensível e mais livre, é capaz de oferecer.

> "Há uma linguagem comum entre as pessoas que transformam matérias com as mãos" — Francisca Carvalho



Produção, ArtWorks

A missão da ArtWorks

José Miguel Pinto
(Diretor ArtWorks)

"A primeira preocupação, quando iniciei a ArtWorks, foi que o projeto não se confundisse com uma empresa prestadora de um serviço, mas fosse um grande ateliê onde além de nos solicitarem trabalhos, apoiássemos artistas que de outro modo não teriam meios para materializar as suas ideias. As residências nascem precisamente da constatação de que no panorama nacional não existem muitos artistas com meios para trabalharem connosco. "No Entulho" permite que mais pessoas possam ter à sua disposição os meios humanos e técnicos da ArtWorks."

José Pedro Croft
(Artista)

"A minha relação com a ArtWorks, na altura com a Ecosteel, iniciou-se a convite do administrador José Maria Ferreira. Começámos por produzir uma escultura de exterior para Barcelona, seguiu-se um projeto complexo a vários níveis no Brasil, e depois vieram as peças para [a Bienal de] Veneza e uma outra escultura para a Barragem do Feiticeiro. Por volta dessa altura, um arquiteto que estava no Chile, o José Miguel Pinto, regressa a Portugal para criar o atual projeto. Desde então, a minha colaboração com a ArtWorks tem sido assídua e ininterrupta. "

Francisca Marques
(Coordenadora Artistica)

"Existe uma vontade generalizada da ArtWorks em dizer "sim" e apoiar jovens artistas, assente numa curiosidade genuína em descobrir diferentes modos de pensar. Diria que nos regemos por uma lógica de mecenato, ainda que não nos cunhemos desse modo. A própria equipa é multidisciplinar e cada um oferece diferentes valências. Eu e o José Miguel Pinto somos arquitetos, o Bruno Lança é fotógrafo, o Valentin Neves é designer de produto, o Carlos Arteiro é artista. Não procuramos apenas pessoas que executem tarefas, partilhamos uma irrequietude criativa."

José Pedro Croft, Conjunto Escultórico
Barragem do Feiticeiro, 2018

"No Entulho", agora e depois

Francisca Marques
(Coordenadora Artistica)

"'No Entulho' aborda uma premissa fundamental para nós, o uso do material industrial excedente. É uma questão com que nos debatemos diariamente na fábrica. Temos também o projeto *TAW (Transport ArtWorks),* no qual estamos a desenvolver capas para o transporte de obras de arte sem recorrer à utilização de plástico descartável. Ao invés, aproveitamos os tecidos excedentes das capas dos barcos, produzidas noutro departamento. É mais um contributo positivo para o setor artístico que se liga com as ideias centrais do programa de residências. Ao mesmo tempo, estamos ainda a traçar outro projeto chamado *Banco de Materiais*, que permitirá aos artistas terem acesso aos materiais excedentes de várias fábricas a quem nos pretendemos associar."

José Miguel Pinto
(Diretor ArtWorks)

"Os moldes do próximo ciclo de residências ainda não estão fechados. Continuaremos a convidar os artistas a explorar a fábrica como se de um laboratório se tratasse, mas também estamos a pensar como poderemos fazer circular as obras aqui produzidas. Muitas vezes têm características que as tornam difíceis de armazenar e não queremos correr o risco de que trabalhos criados a partir do entulho no fim fiquem aqui estagnados."

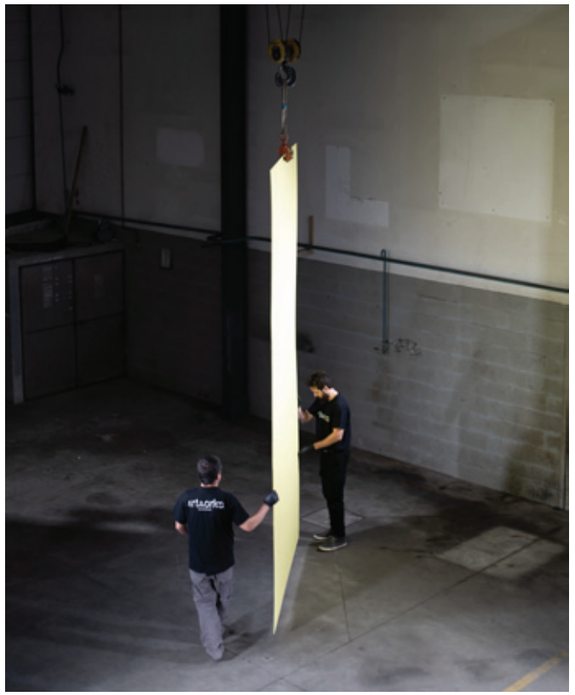
Francisca Carvalho
(Artista)

"Comecei a residência 'No Entulho' pouco tempo depois de ter regressado da Índia. Utilizei suportes e materiais diferentes do habitual, mas a minha abordagem e o *tema* – se é que posso falar em 'tema' - não foram disruptivos em relação ao que estava a fazer. Até porque tinha trabalhado recentemente num ambiente fabril, neste caso numa fábrica têxtil, na Índia. Tanto num sítio como noutro precisei de me sintonizar com os trabalhadores à minha volta e as expectativas e os desejos tiveram de ser adaptados. É um exercício de que gosto muito, acho-o frutífero. Por contraste à tradição da pintura ocidental mais recente, que a partir do séc. XIX se tornou uma prática maioritariamente solitária. Não tenho nada contra a solidão, bem pelo contrário. Mas, expor-me ao pólo oposto, a uma experiência oficinal que requere a partilha do espaço com máquinas e com outras pessoas, obrigou-me a sair da minha zona de conforto. Há uma aprendizagem da paciência inerente ao trabalho fabril que requer o respeito pelo ritmo dos outros."

(à esquerda)
Francisca Carvalho, LOOM, Residências Artísticas No Entulho, 2018

(à direita)
José Pedro Croft, produção, ArtWorks

A fábrica, os trabalhadores e os artistas



José Pedro Croft
(Artista)

"Estou habituado a trabalhar no ambiente de fábrica desde que comecei com o João Cutileiro, em Lagos. Sei por isso que o artista cria uma rutura no processo de trabalho fabril; mesmo que só utilize uma máquina por pouco tempo está a quebrar uma programação contada ao minuto. Portanto, é preciso alguma maleabilidade por parte da empresa e dos trabalhadores para aceitarem que tal aconteça. É um sinal de grande generosidade; tive sempre a sensação de que a minha presença na fábrica era tida como uma mais-valia. Quando, na verdade, é algo muito benéfico para mim."

Francisca Marques
(Coordenadora Artística)

"O José Pedro Croft desenvolveu uma peça em conjunto com o nosso departamento de motorização que requereu um mecanismo complexo, que possivelmente será reutilizado noutros contextos. O trabalho com os artistas possibilita-nos perspetivar o que fazemos noutras áreas e com outros objetivos."

José Miguel Pinto
(Diretor ArtWorks)

"O exemplo da experiência da Luísa Jacinto é muito caricato. A ideia dela consistiu em amachucar chapas de ferro – imaculadas – como se fossem folhas de papel e pedir que as planificassem novamente para que se notassem apenas os vincos. Isto, para quem trabalha diariamente no corte de chapas, é absurdo. São processos que saem completamente fora do método habitual e nesse sentido a experiência torna-se enriquecedora para ambas as partes. Trata-se de uma aprendizagem mútua."

Francisca Carvalho
(Artista)

"O ambiente fabril, sobretudo nesta escala, é hostil. Estamos a falar de pessoas que manobram objetos e ferramentas que, apesar das medidas de segurança existentes, as podem matar. Isso tem impacto. Mas, o que para mim foi extremamente interessante, foi perceber de que modo, então, se habita provisoriamente um lugar destes. E apenas é possível fazê-lo através da relação com pessoas específicas com quem trabalhamos lado-a-lado. Quando se entra numa casa que já é habitada tem-se de seguir o ritmo e não tentar impor o próprio."

(em cima)
Produção, ArtWorks

(em baixo)
Luísa Jacinto, Residências Artísticas
No Entulho, 2018

Produção, ArtWorks